

# COMUNA LIVRE

Orgão e propriedade da UNIÃO ANARQUISTA COMUNISTA

QUINZENARIO

Redacção e administração:  
R. Fernandes Tomáz, 224—Porto

Director: **Bernardino dos Santos**

Editor: **Domingos Pereira**

Comp. e imp. na TIPOGRAFIA PENINSULAR—R. dos Mercadores, 171—PORTO

ASSINATURA

12 meses . . . . . 30 cent. Para os outros pa-  
3 " " " " " 15 " zes acresce o impa-  
3 " " " " " 7,5 " le do correio.

Avulso 1 centavo

## PARA TRAZ BANDIDOS

A Liberdade continua a ser uma figura de retorica!

A's ordens de perfeitos salteadores é encerrada a União Operaria Nacional, União dos Sindicatos Operarios e Federação da Construção Civil e Metalurgica!

Para onde vamos com estes atropêlos?! Quais são os vossos fins para cometerdes tais atentados contra a Liberdade? E vós proletarios porque esperais? Não vêdes que a burguezia vos faz montarias como se fosseis lóbos?

E' tempo de agir! Nada de recuar! Com bandidos de tal jaez não deve haver contemplação. Formai as barricadas e atirai como se atira aos cães idrofobos!

Se vos encerraram as vossas associações, deveis protestar com toda a energia!

Não querem os senhores do mando que as consciencias revoltadas se reunam para declarar guerra á guerra? Enganam-se.

Podeis tripudiar á vontade, podeis, burguezes vilões, corja de salteadores, fazer derramar o sangue proletario, que nele vos haveis de afogar!

Custe o que custar, corra o sangne que correr, a vossa vontade não será satisfeita!

Havemos de reunir seja onde fôr e a nossa revolta ha-de ter expansão!

Do peito dos oprimidos hão-de sair os gritos que vos farão recuar na vossa carreira sanguinária! Os escravos terão energia para se levantarem e dizer-vos:

## PARA TRAZ BANDIDOS!

A Verdade ha-de ser dita á multidão sequiosa de Justiça!

Os párias hão-de saber quem são os seus assassinos e acabarão com eles para sempre!

Operarios! Segui o caminho da razão!

VIVA A REVOLUÇÃO SOCIAL!

VIVA A ANARQUIA!

### A LEI E A AUTORIDADE

Os tempos e os espiritos te-  
toda a parte um seculo. Por  
voltados que não rem obe-  
decem á lei sem saber de ela  
vem, qual a sua utilidade, e  
de vem a obrigação de lhe obe-  
decem e o respeito de que a ro-  
deiam.

A revolução que se apro-  
cima é uma Revolução e não um  
simples tumulto, por isso mes-  
mo que os revoltados dos nos-  
sos dias submetem á sua critica  
todas as bases da sociedade, ve-  
nerada até ao presente, e primei-  
ro que tudo este fetiche — a Lei.  
Analisa a sua origem e en-  
contram na, seja num deus, —  
producto dos terrores dos selva-  
gens — estúpido, mesquinho e  
mau como os padres que se va-  
lem do sobre-natural, seja no

sangue, na conquista a ferro e  
fogo. Estudam o seu caracter e  
encontram-lhe por traço destina-  
tivo a imobilidade substituindo  
o desenvolvimento continuo da  
humanidade, a tendencia a imo-  
bilisar o que devia desenvolver-  
se, modificar-se cada dia. In-  
quire como ela se mantem, e  
deparam-lhes as atrocidades  
do bizantinismo, e as crueldades  
da inquisição; as torturas da Edo-  
de-média, as caras retalhadas  
pelos açoites, as calças a maça  
e o cutêlo ao serviço da justiça,  
os sombrios subterraneos das pri-  
sões, os sofrimentos, os prantos,  
as maldições; e oje — sempre o  
baraço e o cutêlo, as prisões;  
por um lado, o embrutecimento  
do preso, reduzido aos estado da  
besta na jaula, o envilecimento  
do seu ser moral, e, por outro

lado, o juiz despido de todos os  
sentimentos que fazem a melhor  
parte da natureza umana, viven-  
do como um visionario num  
mundo de ficções juridicas, apli-  
cando com prazer, voluptuosa-  
mente, a guilhotina, sem que es-  
se doido friamente perverso an-  
teveja o abismo de degradação  
em que caiu, face a face dos que  
condena.

Vemos os fabricantes de leis,  
ignorantes e inconscientes, vo-  
tando oje uma lei sobre o sanea-  
mento das cidades, sem terem a  
menor noção de higiene, e regula-  
mentando amanhã o armamento  
das tropas sem conhecerem se-  
quer uma espingarda; providen-  
do sobre o ensino e a educa-  
ção quando nunca souberam dar  
um passo qualquer ou uma edu-  
cação a seus filhos; legis-  
lando a torto e a direito, mas  
não esquecendo nunca a multa a  
aplicar aos vagabundos, a prisão,

as galés a impôr a omens mil  
vezes menos imoraes do que eles,  
essa raça de legiferos! — Vemos o  
carcereiro que desce até á perda  
de todo o sentimento umano, o  
Policia feito cão de caça, o Es-  
pião admirando-se de si proprio,  
a delação transformada em vir-  
tude, a Corrupção erigida em  
sistema; todos os Vícios, todos  
os maus lados da natureza uma-  
na, favorecidos, cultivados para  
o triunfo magno da Lei.

E' isto que nós vemos, e é por  
vermos isto que em lugar de re-  
petirmos parvoamente a velha  
fórmula! — Respeito pela lei, nós  
gritamos: — Desprezo pela lei e  
seus atributos! Esta expressão:  
— Obediencia á lei, substituímo-  
la por est'outra! — Revolta con-  
tra todas as leis!

Que se comparem sómente os  
crimes praticados em nome de  
cada lei, com o que ela tenha pro-  
duzido de bom, que se pese o

bem e o mal — e ver-se-ha se te-  
mos razão.

P. Krapotkine.

### Germanofobismo

O germanofobismo implacavel  
que, por meio da imprensa burgue-  
sa, se tem creado no espirito da  
massa ignara dos paizes belige-  
rantes e neutros, não tem, a nosso  
vêr, justificação possivel.

Não queremos dizer com isto  
que os alemães não tenham comete-  
do na presente guerra, como de  
resto os anglo-franco-russos crí-  
mes extremamente barbaros que  
não podem ser absolvidos pela  
mais obtusa consciencia.

Pretender negar estes crimes  
seria revelar um espirito pouco im-  
parcial, ficando-nos, além disso,  
bem adequado o epíteto de germano-



# MENDIGOS

Infelizes que andais de porta em porta,  
Faltos de amor, faltos de carinhos,  
Tendo por lar as pedras dos caminhos,  
E por fortuna uma esperança morta.

Vosso corpo cansado mal supporta,  
Da negra vida tão cruéis espinhos,  
Não sabeis revoltar-vos, pobresinhos,  
Que a existencia já vos não importa.

Suplicaeis, esmolaeis algum dinhe ro,  
Um sobejo qualquer, um simples ósso  
Descarnado e indigno d'um rafeiro.

Mas calai-vos de vez, que eu já não posso  
Olhar vos nesse transe derradeiro,  
A mendigar o pão... o pão que é vosso.

BENTO FARIA

e o partido republicano para ela impele também.

Em Portugal ha um movimento militar contra a guerra e fazem depois uma revolução, em que correu muito sangue, precisamente para que se vá também cooperar na grande carnificina.

Ha, portanto, por toda a parte uma vontade de matar, de derramar sangue: vidas que preciosissimas seriam para o trabalho, para o progresso.

E o que fazem os anarquistas, sindicalistas e socialistas? Por que esperam? Ha lutas entre si, quando nós proletarios, nos deviamos preparar para uma manifestação contra a guerra. Quando deviamos mostrar que dois paizes fronteiricos, Portugal e Espanha, não se importavam com as negociatas criminosas dos governantes, e os escravos seus abitantes se davam as mãos para uma grandiosa manifestação em favor da paz.

Hervé, tido como revolucionario, também foi para a guerra, quando tanta propaganda fez contra o militarismo. Esse omem ao assim proceder, esqueceu-se dos que da verdade tinha espalhado, indo cair no lodo.

Quando mais não pudessem fazer, deveriam pelo menos fazer um preludio de greve geral; deviam aconselhar a que não fossem para os alistamentos. Podiam-nos dizer que os alemães viham, mas para os trabalhadores só ha um inimigo—o patrão—que não importa seja alemão ou inglês, porque roubados são sempre.

Com as armas, que eles teem e nós pagamos, devia-se fazer-se a revolução, não politica mas social.

Mas o que se vê é muita retórica e nada de pratica. Agora alguns manifestos que apareçam são sopas que fazem depois do caldo estar requentado e não presta.

Em Portugal ha quem trabalhe para mandar milhares de omens para a mataca, e não fazem nada para o impedir.

A guerra é um crime, e criminosos somos se nada fizermos contra ela.

A situação económica do Mundo é terrivel. E a carestia da vida, a crise do trabalho, emfim todo o mal estar, que presentemente nos apouqueta, é produto da guerra. E eu pergunto novamente o que fazemos! Ainda é tempo, não de a impedir, mas de trabalharmos pelo seu fim.

A guerra fará a revolução da fome, e nada em descurar assunto.

(Continua).

## Aos Camaradas

Como sabeis, hoje mais que nunca, os Oprimidos, sofrem o despotismo e a vil tirania dos potentados da Terra.—Estaes de accordo com este estado degradante? Cremos que não.

Pois bem, um raio fulgurante de Luz, já vai encaminhando a humanidade para a emancipação que ha-de ser no futuro a sua felicidade. Por este principio, vós, nós, ó omens de espirito livre, qual estado de fome, de atropello sem limite, cauza da ruina fizic d'aqueles que tudo produzindo lutam com a mais negra miseria, explorados pelos nossos semelhantes que, á sombra de privilegios, dispõem dos nossos sacrificios, onra e vida em seu proveito proprio, que temos por dever fazer?

Lutar. Sim, vale mais morrer d'uma bala, lutando, que lentamente de fome.

Porque razão sendo nós a força, nos deixamos explorar pelos fracos, apenas fortes pela Moeda? Ah! bem o sabemos. Porque os

## Os Anarquistas e a Crise Economica

Continuação da conferencia que o nosso saudoso camarada Bartolomea Constantino realizou no Porto, e principiada a publicar no n.º 1.

### II

A guerra, que ôje se desenrola, está já mais ou menos descrita, não sendo necessario eu fazel-o.

A guerra dos povos é como a contenda de duas pessoas: se alguem intervier amigavelmente, tudo serena, mas se os espectadores assistem impasseis, a questão toma vulto e se esses espectadores teem interesse pelo agravamento, então a luta mais se estende ainda. E' precisamente isto o que se dá com a conflagração actual.

Ha muito tempo já, ha anos se dizia que esta guerra era inevitavel, e a burguezia nisso punha toda a sua artimanha. E os anarquistas, em parte, nas suas reuniões, nos seus congressos e nos seus livros, não trabalhavam como lhes cumpria, nunca passando do campo do devaneio, das peças de oratória, do fogo de vista.

Pensaram num congresso em Londres. E seria aí que se evitaria o conflito?

Ah! alguns avançados faliram por nunca tratarem a sério assuntos de mais alta importancia. O que é anarquista de tudo se aproveita para fazer compreender á multidão o caminho para derrubar o Mal.

Que protestos teem feito contra a guerra? Não sei eu.

Pois é urgente sair-se de esta apatia e demonstrar o que é a Liberdade, não a que os governantes apregoam, porque isso é uma burla, mas a verdadeira, a unica.

O czar da Russia falar em liberdade é um escarnio, porque lá como cá não a ha. Ele, que é deus e imperador, amordaça a imprensa, e manda retalhar as carnes ao povo, por dizer que tem fome.

Se de facto ella, a Russia, auxilia alguns povos slavos, é para dividir a Turquia, e portanto o poder desta enfraquecer em relação ao seu.

Se intervem contra a Alemanha, é por estar ameaçada a França, e com isso os seus interesses estadoaes.

Os governantes latinos tinham necessidade de uma desforra, e prepararam-a. Para a alcançar cada vez mais se armavam, já não podendo sustentar a paz armada.

Estas três nações em luta amonstram bem, o que é politica.

A França democratica, que é o berço da civilização burgueza, alia-se á despótica Russia. Para os

as nossas ideias, dizem que os anarquistas são os primeiros a não cumprirem com a coerencia.

E' d'estes que eu tenho mais receio, e é a estes que dou mais razão.

O anarquista, fiel aos seus principios, deve condenar todos os vicios, porque, uma vez a humanidade liberta de todos os vicios que a atormentam, será feliz. Condenando todos os vicios, conhecendo os seus males, ôle deve ser o primeiro a dar o exemplo.

Succede o contrario. Se ha anarquistas que seguem, verdadeiramente, os principios do ideal anarquico, êsses são poucos.

O anarquista deve condenar o alcoolismo, o tabagismo, o jogo, etc.; e nós vemos a cada instante individuos que, dizendo-se anarquista, se embriagam, trazem como distintivo um cigarro ao canto da boca, e muitas vezes vão arriscar a ferir duma semana nas casas de jogo.

Ora, isto é que não é admissivel.

Ou bem que se é anarquista, e portanto sejamos coerentes, pelo menos no que pudermos, ou então não nos devemos declrar, porque julgando que fazemos bem á ideia prejudicamos-a.

E' necessario juntarmos as açoes ás palavras.

Não é deitando bombas, que a sociedade se ha-de transformar inteiramente, mas instruido, e dando exemplos de bons principios.

As bombas que melhor efeito produzem são: a Instrução e a coerencia com os principios.

O anarquista só quando não beber, quando não for alcoolico, pode dizer: **o alcoolismo é um dos maiores canceros da humanidade.**

O mesmo se dá com o tabaco e com o jogo.

Ha muitos que dizem: Nós fazemos propaganda antitabagista, porque, por experiencia compreendemos o mal produzido pelo tabaco, mas, como o vicio está inveterado no nosso corpo, não nos podemos libertar dele, fazendo, no entanto propaganda para que os outros, ainda não subjugados, fujam d'ele.

Por um lado, parece termos de admitir este argumento, mas, por outro, não.

Se um individuo compreende que uma coisa é má, se aconselha os outros a não usal-a, deve dar o exemplo, porque se um consciante não tem energia para se libertar d'um vicio, como quer que se liberte aquele que é ignorante, que é inconsciente?

Como pôde um individuo embriagado fazer propaganda anti-alcoolica? Decerto que isso seria um absurdo.

O mesmo se dá com o tabaco. Não ha duvida que é difficil, aos que teem vicio de fumar, libertar-se d'ele, mas a força de vontade desempenha n'este momento um papel importante. Querer é poder.

E este é um belo argumento para a propaganda: «Camaradas, já fui um fumador e um bebedor incorrigivel, mas compreendi que me fazia mal; vi que, especialmente o alcoolismo, é das causas da infelicidade do povo, e portanto impuz a minha força de vontade e hoje estou liberto d'esses vicios: Fazei como eu, e sereis felizes e vossas familias.»

Portanto, camaradas, é necessario que tenhamos moral, para que não comprometamos a sublime ideia que preconizamos e alguma coisa possamos fazer em seu beneficio.

E' necessario que á violencia e ao ataque dos governos, respondamos com a instrução, com a educação e com a Consciencia.

Joaquim Gonçalves

flo—termo de cujo emprego se tem abusado bastante, principalmente na adjectivação da attitude d'aqueles que, não alimentando impatias algumas pelos teutões dos exercitos de militares, entendados (e tem) não são também aliadofiosos.

A quem devemos acusar dos crimes inqualificaveis praticados pelos exercitos alemães na Belgica? O povo alemão em massa? Não. O povo germano, como de resto os povos dos paizes aliados, não é culpado dos excessos que os seus exercitos por ventura pratiquem na guerra.

A população civil não é a população militar. A mentalidade que as caracteriza é bastante distincta. A educação que é ministrada ao soldado difere muitissimo da que é ministrada ao paisano. E' verdade que a escola prepara o espirito das creanças de forma a tornarem-se nos mais fervorosos patriotas e militaristas, suscitando-lhes assim um odio feroz, mortifero mesmo, contra todos os habitantes d'alem fronteiras; mas a educação caserna é mais nociva; a acção do seu ambiente vicioso mehtico, actuando sobre o individuo tornado militar, produz ainda efeitos mais funestos e criminosos.

A educação caserna tem por fim crear assassinos. O homem, entrando n'esse casarão imundo, n'esse antro abominavel, albergue de umanas feras, é forçado a despir todos os bons sentimentos que a sua alma possuia, e tornando-se assim é um bomicida, um ente com forma humana que só deve pensar em causar a morte aos seus semelhantes, quer estes façam ou não parte da mesma patria em que elle nasceu. Posto isto, não temos duvida alguma em afirmar que a propensão caracteristica do militar profissional, como resultante da educação criminosa infiltrada no seu espirito durante a permanencia na caserna, é a do assassinio voluntario, premeditado e cometido a sangue frio. Isto é uma lei universal: tanto se pode applicar á Alemanha como á França, á Inglaterra e á Russia. A educação do soldado é em toda a parte a mesma; as condições mesologicas que formam o seu caracter fraticida são em todo o mundo as mesmas.

Daqui infere-se, pois, que os crimes cometidos pelos exercitos teutonicos nos paizes por elles invadidos, não podem attribuir-se ao povo germano onde, embora haja quem os apoie, haverá também quem os condemne;

Só esses exercitos compostos de soldados bestializados pelos mais baixos costumes, corrompidos por uma educação mil vezes criminosa; só esses exercitos de automatatos rigidos, de assassinos legalizados, de bandidos inqualificaveis; só essas legiões de selvagens aperfeiçoados são responsaveis pelos selvagismos requintados por elles praticados.

José de Sousa Nalmo

## A moral do anarquista

A cada momento ouvimos dizer mal dos anarquistas, e perante tal ficamos muitas vezes pensando.

Porque somos tão condenados? Nós que defendemos a humanidade e que desejamos a felicidade para todos?

Mas, camaradas, se pensarmos um pouco e investigarmos porque somos assim tratados pelos proprios a quem defendemos, acharemos muitas vezes a razão.

Uns atacam-nos por estarem osquecados por ideias politicas, chamando-nos utopistas, desconhecendo quanto a nossa ideia é bela; outros ainda, porque, conhecendo



famintos ainda não acordaram da indolencia em que se deixaram cair, para levantar bem alto o grito de revolta, para que o eco da Revolução se ouvisse d'um polo ao outro. Então seria um facto a frase de Vitor Hugo:—O homem será feliz quando for livre

Atravez de todos os seculos nunca houve tanta nessecidade em agir como no momento actual. Os Snrs. d'aquem e alem mar, não contentes com este estado degradante, querem-nos arrastar com as armas na mão—para sustentaculo do pedestal em que se firmaram—aos campos do morticínio, o mais tremendo de todos os tempos. E por este estado de apatia em que se encontram os Oprimidos, lembrou-se o grupo «Avante pela Verdade» de convocar todos os outros para uma reunião que julgamos conveniente, e esperamos se resolvam importantes assuntos relativos á carestia da vida.

A correspondencia deve ser enviada para Humberto Severino, rua de Camões, 160 Porto.

N.B.—A União Anarquista Comunista já de ha muito que resolveu, em harmonia com os seus principios, e portanto como é seu dever, tratar da carestia da vida, assim como dos presos por questões sociais, tendo já iniciado esse movimento.

Contudo, por dever de lealdade, publicamos o que nos foi enviado por esse grupo, que ha pouco sendo formado só tomou conhecimento das nossas resoluções depois de ter aderido á União A. C. (Sede do Norte) e com as quais resoluções concorda.

Instrui a mulher e o triunfo da Anarquia será breve.

Instruir a mulher é dar liberdade a uma geração.

Blanca Moccacaleano

Ao redor da guerra

I

Quando se falou que Portugal ia entrar na guerra, a mim proprio perguntava se tal se viria a dar, e afinal os politicos para lá nos levaram

O que vamos lá fazer? Irémos defender a civilização! Mas com franqueza, não sei de que lado está a civilização que os patriotas apregõem.

Nenhum dos paizes em luta pôde arrogar-se o direito de se dizer defensor da civilização e do direito, porque todos eles tem empregado a metralha para submeter pequenos povos, e neste caso está a França, a Inglaterra, a Alemanha, a Belgica, a Servia, a Italia, a Austria e a Russia que pretendia apbanhar os pequenos paizes circunvizinhos.

Oh! suprema ironia! Paizes que têm posto em pratica despoticas medidas contra aquéles que combatem a burguezia; que estabelecem corpos de espionagem para com os elementos operarios, emfim, que são a vergonha do seculo XX, arvoraram-se em defensores do progresso!

Não! Não! Não! Portugal, ou por outra, o trabalhador não pode ir combater ao lado d'esses paizes civilizados. Não julguem que me inclino para qualquer dos paizes combatentes. Não sou aliado-

philo, nem germanophilo; sou internacionalista.

Que me importa que a nação A ou B corra o risco de desaparecer? Absolutamente nada, e a culpa d'esse facto pertence aos patriotas.

Eu não odeio quem vive além fronteiras, porque não posso odiar quem nunca me fez mal.

Se o proletariado mundial compreendesse a sua força, já há muito teria corrido com esses intervencionistas que desejam enriquecer.

Nas classes operarias fala-se em expedições para a Europa, e afinal nada sabemos de positivo!

Estamos a braços com uma situação aflita e ainda houve quem andasse a fazer oferecimentos para intervirmos na guerra!

Quaes os pontos de diferença entre ingleses e alemães? Neste caso nenhum porque o fim é o mesmo. O que poderá é existir mais ou menos instinto guerreiro. Eu não acredito que estes sejam melhores que aquelles, ou vice-versa, nem sou pela intervenção a favor de qualquer beligerante, porque a minha pátria é a Terra.

Os governos dos paizes combatentes publicaram os documentos relativos á sua entrada na contenda e afinal todos eles tem razão!!!

A Alemanha seria tão culpada d'esta guerra como as outras nações, porque todas preparavam os seus exercitos e as suas esquadras.

A Inglaterra, que entre nós, é apregoadá como a «liberal Inglaterra» também não é melhor que qualquér dos outros paizes em luta, pois tem nas paginas da sua historia factos que demonstram bem o seu espirito oprassôr. Veja-se o que ela fez com o Transvál, e com a India.

A França, que é indicada como o paz do progresso não teve dúvida em dar as mãos á Russia, que bastante despotismo tem cometido mandando muitissimos libertarios e socialistas para as estepes da Sibéria, pelo crime de combaterem o poder Estatal!

Verdadeiramente isto tudo é muito interessante, mas os párias, aquéles que tudo sofrem, ainda andam ao belo prazer do Deus Milhão.

Nações que dizem civilizadas abraçam outras que ainda há pouco eram apontadas como as mais retrogradas do Mundo

Para mais reforçar a nossa opinião respigamos da «Aurora» algumas passagens dum artigo que foi publicado num jornal libertario ingles—Freedom—a respeito dalguns dos paizes beligerantes:

«Com a ajuda financeira da Inglaterra e da França, tinha a Russia reorganizado o seu exercito apoz a guerra com o Japão, e foi com grande satisfação que aproveitou o ensejo de mostrar o seu poder militar aos reizes dos Balcans. A França, certa do apoio da Russia e da Inglaterra, estava igualmente pronta a mostrar que não era uma quantidade desprezível, tendo os reacionarios, chefiados por Milherand, atigado o espirito marcial durante os ultimos anos. A Alemanha, terra do militarismo por excelência, sabia que, apenas estivesse em prontas as suas inimigas, haviam de lhe arrebatár as provincias que ela roubára á França em 1871. E a Inglaterra, que detem um quinto da superficie terrestre, vendo a sua supremacia comercial e maritima ameaçada pela Alemanha, estava preparada para aproveitar o primeiro ensejo de vibrar um golpe mortal á sua concorrente. Para este fim, tinha-se ella aliado com o mais reaccionario governo do mundo.

«Mas com certeza os aliados não serão tão brutos como os alemães, dirá alguém. Vejamos: Como foi edificado o Imperio Britannico? Pelos mesmos métodos com que são construidos todos os imperios—pela força bruta. Considera a India e a Africa, por exemplo, e verás que os principaes factores de persuasão para a entrada d'essas regiões no Imperio, foram a grandeza e a báta, combinadas com a astucia. Os politicos nem sempre foram tão zelozos da nossa «onra nacional» como agora mostram sdr. Prometêram levar

«o povo indiano a um sistema de administração autónoma, mas esses trezentos milhões não tem parte alguma no governo do seu paiz. Empenharam a nossa onra nacional sem retirár do Egypto mas não o fizeram. E ainda em 1907, com a Russia, nós garantimos a independência e integridade da Persia; mas quando a Russia enforcou multos dos mais notaveis persas e fez praticamente da Persia septentrional uma provincia, nunca o governo inglez moveu um dedo.»

Pelo que acima fica transcrito, poder-se ha vér como a Inglaterra só agora despé ta para ir defender as pequenas nações!...

Do mesmo jornal recortamos uma passagem relativa á França:

«A França, desde que foi derrotada em 1870-71 perdeu 41.344.820 quilómetros quadrados de territorios na Asia e na Africa, com uma população de 30 milhões. Assim, a despeito do seu recelo da Alemanha, o seu exercito tratava de fazer alguma coisa alem da protecção das fronteiras.»

Que meditasseis, sobre o que acima fica apresentado, é o que eu desejaria, proletarios.

Internacionalistas! Uni-vos e pregae por toda a parte as doutrinas internacionalistas!

Abaixo a Guerra!...

Abaixo o Militarismo!...

Jose Miguel.

APELO AOS operarios fardados

Vós que deixasteis a blusa de operario, para envergádes a farda assassina e criminosa de militar; deveis compreender que antes de serdes soldado fosteis um trabalhador util. Amanhã, acabado tempo, que uma lei omicida vos roubou ao trabalho e ao lar paternal, para dardes ingresso na escola do crime e da preversão—a caserna—voltareis novamente a ele, e ao convívio dos vossos irmãos.

Soldado! Raciocina como homem. Não deves fazer uso dessa arma que te ensinaram a manejar para matares os teus semelhantes, os teus iguaes, em proveito da burguezia que te explora e tiraniza, assim como a nós também.

Se amanhã o Povo se movimentar em prol dos seus camaradas de trabalho presos e protestar contra a carestia dos generos de primeira necessidade, não deves vir para a rua fazer fogo sobre ele, porque se movimentar em teu beneficio e de todos nós, que tudo produzimos e nada temos, a não ser a miséria. Sim! porque tu soldado, também sofres com o augmento dos generos alimenticios.

Soldado irmão! Se tens um coração para sentir, um cerebro para pensar, deves compreender que não é humano assassinar os teus semelhantes, a tua propria familia.

Soldado irmão! Olha que é teu pae, tua mai, tua esposa, a tua noiva, que te dirigem este apelo! Não faças uso da tua espingarda mortifera. Não queiras manchar a tua consciencia impoluta com um crime que a todos repugna e orrorisa. Repára que não tens o direito de tirar a vida a ninguém.

Se tens coração escuta: Não faças aos outros o que não queiras que te façam a ti.

Que nem um tiro seja disparado ao povo que reclama:

Os generos mais baratos! Liberdade aos presos por questões sociais! 8 horas de trabalho!

Para a chacina

Trabalhadores! Esta faixa de terra onde nascesteis e que ante a divisão das fronteiras se denominava Portugal, vai em breve compartilhar dos orrôres da guerra, já que os dominantes assim o determinarão.

A fome impiedosa que desde ha muito vem assoberbando as nossas negras e tristes abitacões, vai pactuar com a desolação, com a Dôr, para os verdugos mais tripudiarém festivamente sob os nossos esqueleticos e ezangues corpos.

Tétrico futuro nos espera! Uma onda arrebatadora invadirá em breve os nossos lares, e então—ai de nós—teremos que nos confundir nesse grande mar de sangue e de lama, que se chama campo de batalha! E para quê? Será para vermos amanhã raiar o sol fulgurante da unica, da verdadeira Liberdade: a Anarquia! Não, mil vezes não; é tão só para defezar de uma, falsa d'uma fementida liberdade, pois em todos os paizes a verdadeira cerceiam impondo a

Esclavidão. Portanto é erronea essa afirmação dos politicos, e só os parvos é que não veem.

Ainda ha semanas o governo portuguez praticou um dos maiores atropellos que se registam na historia do movimento operário, encerrando quatro organizações federativas, compostas de sindicatos legalizados, profundo as suas reuniões! Não será isto roubar aos trabalhadores a Liberdade?

E diz-se que se vai para a guerra para defender a Liberdade! Que sarcasmo! Mas que Liberdade? Ah! sim, a de roubar e assassinar os trabalhadores!

Pois, muito embora a lei de ferro, que ha de ser inezoravel, nos imponha o partir para a chacina, para o crime—deixando o nosso pae, a nossa mãe, as nossas irmãs, a nossa companheira e os nossos filhinhos na mais crueante dôr, chorando a nossa falta—que o protesto seja unice, gritando-se:

Abaixo a guerra!

Viva a Liberdade!

JULIO DE CAMPOS.

OS ACONTECIMENTOS

A carestia da vida

Já de ha tempo que o povo trabalhador vem reclamando dos poderes constituídos medidas tendentes a melhorar esta tristissima situação que atravessa. A União Operaria Nacional, que é a organização maior do paiz, tem feito propaganda para a vida se tornar um pouco mais facil ao operario.

Decorreram-se mezes de agitação sobre a carestia da vida e a U. O. N. encontrou a necessidade de um movimento geral, para se reclamar essas medidas, metendo os assembarcadores na ordem, e reclamar a liberdade dos camaradas presos por questões sociais.

Fizeram-se comícios e sessões de propaganda e a imprensa operaria defende a ideia do movimento geral, e tudo caminhava ás mil maravilhas; agita-se a classe trabalhadora do paiz e tornam-se os governos responsaveis pela miséria dos trabalhadores, e a vida não melhora e a situação continua na mesma, senão peor.

A classe operaria retrae-se ao movimento, mas não afrouxou a propaganda, e os que por mais tempo não suportam tal estado de coisas, organizam-se e rebenta o movimento geral. E agora? Oh! Ironia!

A organização operaria que devia tomar conta do movimento, a U. O. N. que devia imediatamente reclamar, como representante da organização operaria do paiz, a liberdade de todos os camaradas vem dizer na imprensa burgueza que não teve interferencias acorrecimentos, elibando-se assim de responsabilidades no caso!

Então, camaradas, propaga-se, ajita-se, diz-se que a vida é insuportavel, que não se pôde viver assim, que os trabalhadores devem ir buscar os generos onde se encontram acumulados mercês da balheira feita á vida dos que tudo produzem e nada tem, e agora já se não encontra a necessidade do movimento geral, já o povo operario não tem fome, já a carestia da vida não afecta ninguém!

Ora haja mais um bocadinho de pondonôr, haja mais um bocadinho de camaradagem e sejamos unidos como um só homem, como uma só familia, para assim nos fazer face aos que estão do outro lado da barreira, os nossos inimigos, os burguezes, os governos, a sua alcaiteia de politicos mentares.

A vós, camaradas da classe eu vos dirijo n'este momento um apelo de solidariedade, para que de futuro, quando a classe operaria reclamar mais um bocadinho de bem estar, de melhoria de situação, não vos coloqueis ao lado da Burguezia, empunhando as armas omicidas, carregando sobre um povo famélico, que quer pão que quer trabalho para que lhe chamem souteneures como costumam fazer os senhores do al que vivem á custa d'um povo que incurja do nascêr ao por dôr de debaixo dum trabalho arduo e extenuante. Porque se ôje sois militares, amanhã tendes que dar entrada numa officina ou revolve a terra no campo, para extrair alimento com que os burguezes se locupletam, e nessa altura encontrareis então a necessidade de reclamardeis também ao lado nós.

E vós, camaradas da U. O. N. não vos caleis n'esta ocasião, lizei alguma coisa, porque nas cadeias encontram-se camaradas, cujo crime foi ir buscar para mitigar a fome, a si e ás suas familias.

Omens, camaradas, irmãos, á obra e para a frente contra os assembarcadores, contra os governantes contra a classe parasitaria, e não



esmoreçamos que a causa será nossa.

Camo dizia Charl Max; a **Imanicação dos trabalhadores ha-de ser obra dos mesmos trabalhadores.**

Cadeia Civil do Limoeiro.

Diniz Rocha.

## O CATACLISMO

São as nuvens carregadas dum ambiente triste, signal mortifero que presenciámos ha longo tempo e consecutivamente vae avassalando, dum ao outro extremo, o velho continente.

Teem sido os *benecolentissimos Papas*, os *respeitabilissimos Reis*, e os *popularissimos Presidentes*, os feis enredadores da presente ecatombe, para onra e gaudio dos barões seus aios e feis dedicados, e mui ativos representantes das grandes empresas.

Toda essa imensa casta de criminosos não se tem condoido de tão importante numero de nossos irmãos, que neste momento estão sendo esquartejados pelo fogo violento da metralha; casta que é um tenebroso cataclismo que nos abisma; praga maldida que gerou a guerra. E esta é a peor das infelicidades, assim como uma das maiores infamias até hoje perpetradas. E' a guerra sem treguas; é a guerra sem dor, é a guerra insana que nos arrasta á peor das ignominias. Em nome da guerra incendei-se; em nome da guerra destroi-se; em nome da guerra viola-se; em nome da guerra mata-se e em nome da guerra *civilisa-se*.

Oh! se é este o processo mais vital que com os modernos *civilisadores* pretendem *civilisar* os diversos povos, desejarei em entao pertencer á chamada classe dos selvagens, e sendo assim, convencer-me-hei em estar com pessoas de sincera pureza do que com *civilizadas* híenas sedentas de sangue.

O *civilizador Schneider-Canet* tido ultimamente uma forte tolerancia em *civilisar* á morte e creio que os ruídos de guerra á beira mar plantados teem uma bela oportunidade para *civilisar* os desequilibrados em Portugal, satisfazendo com mais singularidade os atos criminosos, imitando os afamados abitantes da Calábria.

Ah! o povo, o povo... tão forte no brio e tão poderoso no direito!

E' isso seguirá indefinidamente!

Será o sangue vertido dos inocentes que, regando os vales, amanhã trará o fruto de vingança?

Se os ingenuos afirmam que desta ecatombe nascerá uma era feliz, eu quasi que afirmaria ser a peor das brechas que nos conduzirá para o cataclismo.

Domingos Pereira da Rocha

Deixae a intelligencia das creanças abrir-se como uma flor; nunca a abram á força como uma osira.

...

## Nas horas vagas

I

### A delação

O delator encontra-se em toda a parte: na officina, na fabrica, no escritorio, na rua, etc.etc.

Ele é como Deus (segundo a Biblia) um ente invisivel, que dá nota de tudo quanto se faz e se diz, e que na mais breve occasião o vai transmitir áqueles de quem está ou não a soldo.

A delação é na maioria dos casos a ruina, a perda de um lar, de um individuo, e a causa de imensas desgraças; origina muitos crimes e milhares de sofrimentos.

Os individuos que vivem da delação, não passam de uns seres miseraveis, sabujos, perfidos e sevandijas, que se saciam em atravessar o punhal venenoso e sombrio da delação, naqueles que em diversos casos estão fora da ação das autoridades, como succedeu nos casos recentes.

O delator é o tipo que trangride todas as leis moraes, que renega todos os laços de solidariedade humana que liga entre si os homens.

Instintivamente o delator é odiado por todos, até secretamente desprezado por aqueles que lhe utilizam os serviços.

E' mister eliminar o delator, porque este é uma entidade abjeta; é o Judas que vende o mestre e entrega ao carrasco aqueles que confiaram na sua fingida lealdade.

O delator faz abortar uma grande causa, sacrificando todos os heroes de uma nobre ideia.

Na Russia o núlsta suprimia-o violentamente.

Só assim é que se tornou possível a luta do núlismo contra a autocracia.

Em contraste com estes, ha os individuos firmes, os que de modo algum se deixaram subjugar, resistindo convictamente ás ameaças impostas pelas autoridades policiaes, e que tão nobremente se recusaram á delação.

Sim, para que era preciso mais victimas? Não chegavam as que estavam?

Pois bem.

Alguns camaradas nossos estão a ferros, por causa da delação e continuarão a sofrer os orros dos carcereiros, porque não delataram!

Se um homem ousar afrontar a colera deste regimem jesuitico, sabe que em face da ordem será considerado criminoso se se recusar ao ominoso papel de delator.

Pois bem, esse omem, para manter alta a sua individualidade moral, quer dar um nobre exemplo de solidariedade social, e por isso, embora não aprove determinado ato de um revoltado, nega-se com tudo a delatá-lo.

E' assim que todos devem proceder. A delação é sempre prejudicial, seja pró ou contra. Traz um pessimo efeito moral a quele que se vê nesses casos.

E' preciso que se conquiste integralmente um direito, que é tão precioso como todos os demais direitos sociais:

O direito de não ser delator, e não ser perseguido nem sequer incomodado, por que um omem de bem se recusa terminantemente a delatar quem quer que seja, (Manuel de Abreu, Bernardino dos Santos, Alice Soeiro, etc, etc. nesse caso estão).

Essa função pertence aos esbirros da policia; eles que a desempenhem, porque para isso são pagos. E infelizmente é o povo, que paga, para toda esta engrenagem do mal.

Lisboa Carlos José de Sousa

## OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

A respeito dos ultimos acontecimentos, os jornaes burguezes, deram umas noticias desagradaveis do movimento não é verdade?

Pudéra não, pois não lhes convém nunca dar noticias agradaveis; sempre deturpando a verdade para desorientarem os trabalhadores que teem a pouca noção dos seus direitos, e para isso alçunharam os que lutaram no movimento, de desordeiros e gatunos.

E' preciso, trabalhadores, educar esses nossos irmãos, para que eles saibam que nós lutamos pelo bem de todos, e que não somos nós os gatunos, mas sim esses parasitas que nos exploram, que encham os cofres á custa do nosso suor. Que não somos nós os desordeiros, mas sim esses açambarcadores que nos provocam, augmentando aos generos de que necessitamos, para que nós morramos de fome com nossas familias. E por isso, se o movimento se fez, foi para que a burguesia e os governos olhassem um pouco para o povo que labuta e que mal ganha para se ajimentar: façamos compreender que o movimento foi da fome, que em todo o paiz domina os casébres dos pobres e onrados trabalhadores.

Camaradas, irmãos, neste movimento que se esboçou nos dias 29 e 30 de janeiro em Lisboa e diversas localidades do sul ao norte do paiz, os trabalhadores, a enorme legião dos famintos e dos explorados, não fez o que tinha obrigação e o dever de fazer, que era ir buscar os generos onde estivessem. Houve muito retratamento dessa massa miseravel, que vive, negeta em mauseadas infectos onde a tuberculose faz a sua pastagem diaria.

Povol pensa e estuda a situação e verás o que tens a fazer. Os governos nada resolvem. Emquanto não a géres dirétamente, não conseguirás nada.

A emancipação dos trabalhadores ha-de ser obra dos proprios trabalhadores.

Abaixo a carestia da vida.  
Viva a anarquia.

Limoeiro, grupo D.

José Ferreira.

### Escola Industrial Infante D. Enrique

Uma numerosa quantidade de alunos de esta escola, procurou-nos para que publicassimos a seguinte:

#### DECLARAÇÃO

Nós, alunos da Escola Industrial Infante D. Enrique, operarios conscientes do seu dever, protestamos contra as manifestações patrioticas feitas em nome de todos os alunos.

Sempre fomos e seremos contra a guerra e pela Paz.

## Aos trabalhadores do conceho de Almada

Passados apenas 4 mezes em que tão nobremente vos levantastes num altivo e solene protesto contra a desenfreadissima e criminosa ganancia dos açambarcadores, já vos esquecesteis dos que, hoje nas agruras dum carcere, longe dos seus filhos, esposas, mães, paes, irmãos e amigos, estão sofrendo as consequencias de um acto coletivo — ou seja o de uma população sacrificada aos egoismos de meia duzia de farçantes — e não de um ato isolado, e que á face da lei — deles e de fofnil — arquem com essas responsabilidades.

E' tudo isto porquê? Por culpa de quem? Triste é dizal-o, mas é a verdade, e a verdade custe o que custar, deve-se sempre dizer: Por culpa vossal...

E' de vós a culpa trabalhadores, de vós que tendes dado provas em atos passados da vossa solidariedade em pról duma causa que para vós se tornou ingratisima (a Republica pois que até hoje nada de benéfico trouxe ás classes laboriosas. E' de vós, que continuais a chafurdar no mesmo lamaçal que o regimem transato nos legou tendo ficado os mesmos homens sem corôa, mas com barrête de variagadas côres como os arlequins nos circos e abandonasteis os vossos amigos, triturados pelas fauces ediondas dum ferós inimigo, que só a um Nero se poderá egualar, porque a História outro nos não aponta. Vós os abandonasteis á falsa democracia composta por creaturas que num pedestal de lódo se firmam e em que se deviam submergir para sempre.

Democracia chefiada pelo bandido da lei social — que é a humanitaria — o grande e jamais esquecido Afonso ás costas.

Pois é necessario que não esqueçais que é dever vosso, unido-vos, lançardes bem alto o protesto, exigindo para os que por vós trabalham, o que nenhum ser vivente descursa: a Liberdade!

Uní-vos e prosegui na luta, e vereis que sereis louvados por todos os conscientes.

Cadeia do Limoeiro, Grupo D.  
17/2/1916.

Bernardino dos Santos

*A nacionalidade é uma acção absurda e perigosa; a ideia patriótica e a ideia religiosa são superstições inventadas para conduzir e sustar o povo.*

Kleurich

### Escola Racional da Gervide

#### Oliveira do Douro — Gaia

Realizou nesta escola o camarada Costa Carvalho, uma conferencia sobre a carestia da vida.

Demonstrou que essa carestia é resultante de má organização da sociedade, e que pode haver esta ou aquela tentativa para lhe pôr fim, mas serão apenas escaramuças, aliás necessarias para a grande Revolução que tornará

o omem livre com direita á Vida.

Continuando, mostra em como se o escravo empregar a ação e estudo para a comprehensão nitida das coisas, fará unido a Anarquia, desaparecendo então, mas só então a exploração do omem pelo ser umano.

E' nas pequenas revoluções, diz que se adquirem lições e energia para ir até á completa transformação da forma da vida individual e egoista pela comunista e solidaria.

Mais de uma hora esteve espalhando Lús, mas a falta de espaço força-nos a dar uma pálida resenha do que expôs.

No final, foram recitados monólogos sociais, e representada uma comédia.

## Apêlo aos camaradas

Em virtude dos ultimos acontecimentos, encontram-se no Limoeiro diversos camaradas, estando suas familias em precarias circumstancias.

Tambem estão sem pão a companheira e os filhos de Bartolomeu Constantino.

A «Comuna Livre» abre uma subscrição para auxilios de todos, devendo as quantias ser enviadas para esta redação — no sul á T. do Cabral, 25, 3.º Lisboa, e no norte á R. Fernandes Tomaz.

Antonio Bâtista . . .	10 cent.
Antonio Machado . . .	20 »
Manuel F. Torres . . .	20 »
Antonio A. de Sá . . .	10 »
Pró — presos — na fábrica de armas . . .	94 »
Artur Alexandrino . . .	10 »
Pró familia B. C. — na fabrica de Braço da Prata, de Chelas . . .	4820 »

## Reunião Anarquista

A União Anarquista Comunista (Sede do Norte) convida todos os camaradas, inclusivé os que não estejam organizados, a reunirem ôje, domingo, na redação da Comuna Livre, á rua de Fernandes Tomaz, 224 Porto.

## Correspondencia

### Viana do Castelo

A Associação dos E. do Comercio realizou aqui um comicio, com o apoio da restante organização operaria local, para impedir que a camara roube o descanso semanal.

Falou um caixeiro de Viana, J. Faria pela F. dos Caixeiros, Costa Carvalho pelo grupo anarquista «Familia Livre» e Reinaldo Vieira pelos sapateiros.

Foram aprovadas duas moções, uma de protesto á camara e outra de indignação contra o governo por encerrar em Lisboa as Federações Operarias.

# MULHERES!

Sede contra a guerra porque ela vos traz a Dór!